

ENTREVISTA COM JAIME BENCHIMOL, FLÁVIO EDLER E MAGALI ROMERO SÁ

AN INTERVIEW WITH JAIME BENCHIMOL, FLÁVIO EDLER AND MAGALI ROMERO SÁ

Em 11 de março de 2013, Silvia de Moura e Maria Rachel Froes da Fonseca, pela revista *Acervo*, reuniram-se com alguns pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz, bastante conhecidos em história das ciências, para a entrevista de abertura deste número. Foram eles: Jaime Larry Benchimol, editor científico de *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*; Flávio Coelho Edler, presidente da Associação Nacional de História, seção Rio de Janeiro (ANPUH-RJ), e professor do PPGHCS da Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz; Magali Sá Romero, atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Maria Rachel Froes da Fonseca, membro do Conselho Deliberativo da Sociedade Brasileira de História da Ciência e da Sociedade Brasileira de História da Medicina, também participou como entrevistada em alguns momentos.

O resultado das discussões é um referencial de informação histórica sobre o desenvolvimento de pesquisa em história das ciências, no Brasil, desde a década de 1980.

A entrevista seguiu o seguinte roteiro básico: a trajetória de Jaime Benchimol e Flávio Edler antes de serem identificados como pesquisadores no campo da história das ciências; os projetos iniciais no âmbito da Fundação Instituto Oswaldo Cruz que serviram de eixo para as linhas de pesquisa subsequentes até a instituição da pós-graduação em história da saúde pública; a avaliação das fontes de arquivo para as pesquisas na área e a valorização de arquivos privados de cientistas e pesquisadores que tiveram atuação em diferentes campos da ciência e arquivos institucionais públicos e privados como fontes de pesquisa; as dificuldades de um pesquisador na reconstituição e interpretação de assuntos diferentes de sua formação, a recorrência a especialistas e a popularização do conhecimento; o uso de coleções científicas como fonte de pesquisas no campo da história das ciências; e o acesso a arquivos

– identificação de fontes, além dos arquivos existentes no âmbito da Fiocruz, e uma avaliação das mudanças, ao longo do tempo, quanto à disponibilidade de arquivos para pesquisa.

Acervo. *Começando pela trajetória...*

Jaime Benchimol. Meu mestrado era sobre história urbana e o Arquivo da Cidade era uma oportunidade muito valiosa para mim, para mergulhar na documentação relativa à história do Rio de Janeiro. Minha dissertação foi sobre Pereira Passos e a reforma contemporânea à campanha sanitária de Oswaldo Cruz. Tocava um pouco, muito pouco, em Oswaldo Cruz. Quando a Casa de Oswaldo Cruz foi criada, Paulo Gadelha me chamou para trabalhar aqui. É por essa razão muito prosaica que eu entrei nesse campo da história das ciências. Inicialmente, éramos um grupo sem muita divisão de trabalho, quer dizer, a gente se ocupava um pouco de tudo e eu me lembro de que, logo de início, cogitou-se o que fazer como trabalho. Tinha um trabalho de organização de fontes. Não havia compartimentação de atribuições. Havia um pequeno museu, com uma pequena documentação de Oswaldo Cruz, uma coisa muito personalizada. Então, a gente começou a mexer na documentação, a fazer história oral. Procuramos fazer os primeiros inventários do material que havia aqui. Tinha um material que chamava muita atenção: era o material iconográfico das expedições ao interior do Brasil. Uma das primeiras coisas feitas resultou naquele álbum belíssimo *A ciência a caminho da roça*: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913. Eu comecei a trabalhar com a história da instituição, a história do Instituto Oswaldo Cruz, com uma pequena equipe, o que resultou num trabalho chamado *Manguinhos do sonho à vida*: a ciência na Belle Époque. Lembro-me que fui o primeiro aqui a usar computador. Naquela época, havia o trabalho incansável de datilografia, tinham aquelas datilógrafas e eu fazia traduções e um editor sugeriu que eu fizesse a tradução no computador: eu te empresto o meu, disse... Você tinha que digitar milhões de códigos para acentuar, formatar o texto... Era muito complicado, mas *Manguinhos do sonho à vida* foi feito em computador. Era uma coisa extraordinária. Acabou com o problema das datilógrafas.

Acervo. *E você, Flávio?*

Flávio Edler. O meu começo é bastante parecido com o do Jaime, no sentido do que me atraiu, a maneira como fui atraído para o tema da história das ciências. A história das ciências com essa rubrica, com essa denominação, não existia no horizonte de quem era formado em história no Rio de Janeiro. Durante a minha graduação, eu era muito mobilizado pelos temas da história do movimento operário, do movimento social. Era completamente invisível para mim o campo da história das ciências. Também o que me aproximou foi, já próximo ao final do curso, a possibilidade de um estágio aqui na Fiocruz. Foi quando eu tive uma primeira entrada e conheci o campo da história das ciências. Há também uma coincidência: eu tinha um grupo de amigos fora daqui. José Carlos de Oliveira era um engenheiro, que oferecia uns cursos avulsos de história da ciência. Ele estava ligado a um núcleo que se desenvolveu na pós-graduação em história social da USP, liderado pelo Shozo Motoyama e pela Maria Amélia Dantes. Então, na verdade, antes de entrar aqui, eu já

conhecia o José Carlos e ele já oferecia uma espécie de curso de introdução à história da ciência. Eu fiquei sabendo que existia essa área, fora do campo da história, e que ele oferecia esse curso e eu me aproximei dele nessa época. Então, houve realmente essa coincidência. Aqui eu vim fazer um estágio. Naquela época, a Casa de Oswaldo Cruz estava crescendo muito e logo depois fui absorvido no quadro funcional, primeiro num projeto, não como funcionário público, mas num projeto chamado Carlos Chagas. A Casa de Oswaldo Cruz se organizava muito por projetos independentes. Como Carlos Chagas Filho era alguém que podia ajudar muito, era muito interessado no desenvolvimento desse campo de história das ciências, ele se aproximou da instituição e, de certa maneira, nós o auxiliamos, organizando uma documentação e ao mesmo tempo produzindo alguns textos sobre o pai dele, Carlos Chagas, para uma biografia que ele se propunha a fazer. Entrando aqui na Casa Oswaldo Cruz, eu tive uma relação mais sistemática com o campo que era realmente muito novo. Em 1986, foi realizado o primeiro Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia no Museu de Astronomia e Ciências Afins, também uma instituição contemporânea à criação da Casa de Oswaldo Cruz. Era um congresso bastante interessante, se pensarmos na demografia dele, em quem participou. Dá para ter uma noção bem clara do que era a história da ciência naquele momento. Havia um grupo muito pequeno de historiadores. A imensa maioria dos participantes era formada de pessoas oriundas de várias áreas das ciências, várias disciplinas, com interesse muito grande em fazer história dessas disciplinas. Havia também um grupo do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, o CLE, da Unicamp. Era um grupo ligado a Roberto de Andrade Martins e outras pessoas, um pessoal já com uma entrada, com uma história da ciência mais próxima da discussão da epistemologia. Um grupo grande, portanto, que fazia uma história da ciência de caráter muito institucional, recuperando um pouco a história das disciplinas, e a gente estava chegando lá: o grupo de historiadores estava também se aproximando da área, chegando nesse mesmo período. Portanto, em 1986, nós mesmos, aqui na Casa de Oswaldo Cruz, não nos reconhecíamos fazendo história da ciência. Viemos para cá para nos inscrevermos nos projetos, pensando no legado.

Acervo. *Quer dizer, a definição do campo mesmo vai se dar mais tarde, não é?*

Flávio Edler. É um pouco contemporânea à nossa entrada. Existia, balizando o campo, um trabalho clássico de Fernando de Azevedo e naquele período, isso em 1979, havia surgido um trabalho muito importante do Shozo Motoyama, que é uma coletânea organizada por ele e por Mario Guimarães Ferri, que era a *História das ciências no Brasil*, e havia um trabalho muito importante do Simon Schwartzman, de 1979, *Formação da comunidade científica no Brasil*, bancado pela Capes, que também havia financiado o trabalho sobre a Escola de Minas de Ouro Preto, do José Murilo de Carvalho. E nós aqui nos deparamos com um trabalho muito importante, que já direcionava um pouco para o viés da ciência, que é o trabalho da Nancy Stepan, *Gênese e evolução da ciência brasileira*. Então, esse já tinha uma rubrica mais de história da ciência. Esse aí é um trabalho que, quando chegamos aqui, imediatamente começamos a lê-lo. Também lemos o trabalho, para se ter uma noção da literatura da época, da

Vânia Santana, *Ciência e sociedade no Brasil*, não sei se vocês se lembram disso, havia ainda um outro trabalho importante que a gente lia aqui, é o trabalho da Regina Lucia Moraes Morel, também com a mesma rubrica, história da ciência, a *Ciência e Estado*: a política científica no Brasil. Era, assim, descortinando a área, gente com entradas muito diferenciadas...

Jaime Benchimol. Mas eu acho que nesse campo, Flávio, tinha uma esmagadora predominância dos físicos.

Flávio Edler. Dos físicos e engenheiros também.

Jaime Benchimol. É, as engenharias... O campo das ciências biológicas tinha alguma coisa... As instituições biomédicas, Manguinhos, em particular, tiveram um papel muito importante, relativamente a outras, em termos de institucionalização das ciências. É impossível deixar de contemplar a referência aos trabalhos feitos aqui, mas acho que a história da saúde, história das ciências biológicas, das ciências da vida, eram áreas que tinham um lugar pouco visível em comparação com as dos físicos e engenheiros e acho que esse recorte ainda existe. Paralelamente aos eventos a que o Flávio se refere, o que havia de instituição de pesquisa para os historiadores... Tinha o CPDOC, o grande agregador, a Casa de Rui Barbosa, tradicional centro de pesquisa, o Museu de Astronomia. Nós, formando uma equipe muito numerosa, e os Encontros de História e Saúde, promovidos pela Casa de Oswaldo Cruz, fomos importantes para agregar a área, que era pouco visível ainda nas graduações e pós-graduações de história. Acho que esses Encontros e o trabalho feito aqui foram muito importantes para agregar, dar visibilidade e marcar presença dessa vertente no campo da história das ciências. Além do mapeamento do Flávio, que é corretíssimo, e da literatura assinalada por ele, que foi a nossa literatura inaugural, havia, ao lado dela, aquela produzida no campo da medicina social, que também foi muito importante para gente. Lembro Madel Therezinha Luz, que era de outro campo, Roberto Machado, com aquela coletânea dele, tinha a produção de Nilson do Rosário Costa. Esse era o estado da arte, quando a gente chegou aqui. Eram essas duas coisas que, na verdade, pouco se misturavam.

Flávio Edler. Isso é que é importante assinalar. Exatamente essa demarcação que Jaime acabou de fazer é muito importante porque, a rigor, nós fomos chamados para cá muito em função da presença importante do grupo que fez a reforma sanitária, que está na origem do Sistema Único de Saúde, na Direção dessa instituição. Quando eles trouxeram historiadores para cá, era, em grande parte, no sentido de fomentar a continuação das pesquisas inauguradas por essas pessoas, que eram lideranças nesse movimento sanitário. Nós estamos falando de pessoas que estavam ao mesmo tempo engajadas em produzir uma memória, uma história da saúde pública, e que eram militantes nesse campo. Era uma história que propunha uma nova interpretação. Era o próprio Sergio Arouca, presidente da instituição, e o Paulo Gadelha, que havia feito uma dissertação de mestrado muito importante sobre a assistência médica no Rio de Janeiro no período do Pedro Ernesto.

Havia, na verdade, um legado e a ideia era que nós continuássemos esse legado. Como o Jaime chamou a atenção, eram rubricas diferentes. Uma coisa era a história da saúde pública

e outra coisa era a história da ciência. Quando a gente veio para cá e acontece esse evento no MAST, é que nós começamos também, de certa maneira, a criar esse diálogo. O Jaime chamou a atenção aos Encontros de História e Saúde. Como nós viemos da área das ciências sociais ou da história, nos forçamos muito um diálogo. Houve um interesse enorme em criar esses vínculos, essas articulações, entre os nossos temas e as áreas tradicionais da história. Como a tradição era, predominantemente, de profissionais fora do campo da história, era uma outra reflexão, e nós, evidentemente, nos aproximamos com a nossa bagagem. Esses encontros foram fundamentais e, aos poucos, é que se foi demarcando, para nós, esse diálogo e essa diferença entre história da saúde e história da ciência.

Acervo. *E a pós-graduação?*

Maria Rachel. A pós-graduação é bem depois. Para ficar mais claro, o que o Flávio também está destacando, quer dizer, a formação dos encontros, é o primeiro seminário nacional realizado pela Sociedade Brasileira de História da Ciência, que é criada exatamente nessa época. São esses encontros que acontecem, primeiro no MAST, em 1986. E o Jaime também está chamando a atenção em termos de eventos, que são formas de dar visibilidade e estabelecer o intercâmbio e o debate. São os Encontros de História e Saúde, eventos organizados pela Casa de Oswaldo Cruz. Logo depois dos primeiros anos, a Casa já tem o Departamento de Pesquisa, e cria os Encontros de História e Saúde que vão acontecer em número de oito. São muitos encontros, muitos fatos importantes. Enfim, o papel desses eventos era fazer circular, integrar, como eles estão destacando, as pesquisas que estavam sendo feitas, mas ainda fora do campo da história propriamente dita.

Flávio Edler. Só para complementar, neste período que nós estamos nos aproximando do campo com esse tipo de atração, essa chegada meia errática, as pessoas vão chegando, porque há oportunidade de trabalho. É isso, não é? Está acontecendo no panorama internacional uma mudança muito significativa, muito grande, com impacto sobre os modos de abordar a história da ciência. Então, o final da década de 1970 e a década de 1980 são marcos muito importantes de uma grande virada na maneira como se abordava a história da ciência. Era um campo até então demarcado por uma divisão mais ou menos clássica: uma história internalista da ciência e uma história externalista. Internalista é quem fazia uma história mais do pensamento científico, dos conceitos, muito interessado em entender os desdobramentos lógicos internos ao desenvolvimento das teorias.

Jaime Benchimol. Com uma grande referência: a do Alexandre Koyré.

Flávio Edler. Numa vertente mais francesa, Gaston Bachelard e Georges Canguilhem, mais interessados numa história conceitual das racionalidades científicas de cada disciplina. E a história externalista seria o campo possível de entrada dos historiadores e sociólogos, isto é, daqueles que entendiam que, para pensar em ciência, não se podia pensar como uma história imanente do puro pensamento. Tinha que se articular o pensamento com as conjunturas. Quem é que faz ciência, por que, quais os interesses sociais em jogo. Havia, então, várias abordagens que confluíam para este enfoque.

Jaime Benchimol. Na verdade, era o que favorecia a ciência ou o que criava obstáculos a ela...

Flávio Edler. Era um pouco isso. Era uma nítida sociologia da história da produção científica. Era exatamente essa a ideia: de que você deveria privilegiar um modelo explicativo que englobasse os sistemas sociais, os interesses de grupos sociais que favoreceriam o desenvolvimento da ciência e, portanto, também os outros obstáculos que impediriam o desenvolvimento da ciência.

A ideia de que era possível fazer uma história, uma sociologia da ciência, que pensasse sociologicamente a produção do conteúdo do conhecimento, isso era até então invisível para os historiadores, e é essa justamente a grande mudança que está ocorrendo nesse momento. São variados grupos. Thomas Kuhn é uma referência importante. O grupo da chamada Escola de Edimburgo, do programa forte de sociologia da ciência, é um outro grupo. Depois vão aparecer várias outras pessoas. No campo da história da ciência também nos anos 1960, 1970 e 1980, a dicotomia internalismo e externalismo tentou ser ultrapassada por vários grupos. Então, havia vários tipos de tentativa de soluções diferenciadas para essa dicotomia, com a qual todos estavam satisfeitos. Uma grande novidade é essa, esse grupo novo que surgiu propondo uma grande virada, mas, ao mesmo tempo, vale a pena chamar a atenção, era um grupo com aportes teóricos bastantes diferenciados, que não são homogêneos não. E nós, então, fomos um pouco capturados por isso aí. Uma referência muito importante nesse período, da qual nós nos aproximamos, por um lado, do pessoal da pós-graduação da USP, de Maria Amélia Dantes, que formou algumas pessoas. Um outro grupo se aproximou do IUPERJ, onde estavam sendo oferecidos naquele momento alguns cursos de avaliação dessa literatura, como o do próprio Simon Schwartzman, cujo livro, clássico, está muito marcado por um outro viés, que eu vou chamar de um viés clássico da historiografia da ciência. Ele mesmo estava, nesse momento, se aproximando dessa nova literatura. Contemporaneamente, não só nós aqui, que tínhamos ciência dessa virada, estávamos nos aproximando dessa literatura, mas, em outros lugares do Brasil, também algumas pessoas estavam se aproximando dessa outra literatura. Então, nós entramos num momento de grande virada...

Jaime Benchimol. Paralelamente, houve um florescimento do periodismo na área da história da medicina, das ciências, em vários periódicos internacionais. E houve um processo de especialização, de estilhaçamento das histórias estruturalistas, que também afetou essa área. Então, começa a ter história das instituições, história da enfermagem, história dos pacientes, história das doenças, histórias parciais, parceladas, que, para a gente, era uma novidade também. Agora, em termos práticos concretos, muito concretos, a gente chegou aqui, trazido pelo grupo do Sergio Arouca. A instituição reagiu a princípio com muita desconfiança. No início, era uma relação muito hostil. Tivemos que criar um processo de legitimação.

Flávio Edler. Nós tivemos que criar um consenso. O MAST, por exemplo, saiu, digamos, fraturado desse processo. Nós, digamos, fomos bem-sucedidos, mas o MAST saiu com uma fratura grande.

Jaime Benchimol. Do ponto de vista da comunidade de cientistas da Fiocruz, o papel da história era botar a cereja nos bolos retóricos que eles distribuíam. Essa era a expectativa. A Casa de Oswaldo Cruz cresceu muito, ela veio com um projeto muito ambicioso. Então, despertou uma hostilidade, e acho que a primeira coisa feita para começar a quebrar essa hostilidade, foram os programas de história oral, que a gente começou a implementar desde o início: entrevistar os cientistas cassados que estavam sendo reincorporados pelo Arouca, as vítimas do chamado “massacre de Manguinhos”, e outros pesquisadores antigos. E a gente não entendia absolutamente nada ou muito pouco do trabalho que, efetivamente, era feito aqui. Foi um aprendizado muito grande. Vendo as entrevistas hoje, se fossem feitas hoje, seriam muito mais ricas, porque, na época, a gente nem sabia o que perguntar sobre o trabalho que os cientistas faziam. A gente veio se equipando ao longo desse diálogo...

Flávio Edler. Eu já andei vendo aquelas entrevistas, e, de fato, perde-se muito, muita coisa. Acho que talvez valha a pena frisar um aspecto: primeiro, que nós não cumprimos aquilo que se imaginava que a gente deveria cumprir, a expectativa que existia sobre o nosso trabalho aqui, como Jaime acabou de falar, redundaria, por exemplo, em um quadro muito menor de pesquisadores. Como os cientistas estavam parando de fazer a sua história e como os militantes da área da saúde pública também estavam, na verdade, começando a se organizar como administradores da saúde pública, a ideia era que nós pegássemos esse legado e continuássemos, mas nós subvertemos muito isso em vários sentidos. A gente não aceitou as demarcações clássicas. Não aceitávamos muitas das narrativas estabelecidas pelo pessoal da saúde pública.

Jaime Benchimol. Na historiografia legada pela medicina social imperava uma visão gramsciana. Os médicos e cientistas eram intelectuais orgânicos da burguesia. Em resumo muito esquemático.

Flávio Edler. E a ciência podia ser vista como uma ideologia a serviço das classes dominantes. Tal visão, inclusive, não era singular em relação ao panorama internacional, porque também se escrevia muito isso lá fora. Era um pouco uma denúncia da ciência como uma ideologia a serviço dos interesses dominantes na sociedade capitalista.

Jaime Benchimol. Ou uma força normalizadora.

Flávio Edler. Pelo viés foucaultiano. Eram dois vieses muito importantes e se esperava que a gente um pouco seguisse isso, procriasse esse tipo de interpretação.

Jaime Benchimol. Porque eram várias linguagens. Pelo lado dos cientistas: Oswaldo Cruz, o fundador da ciência, objeto de discursos sempre muito laudatórios.

Flávio Edler. Aqui dentro desta instituição tínhamos o grupo da saúde pública, muito politizado, que havia feito a reforma sanitária principalmente dentro da Escola Nacional de Saúde Pública, e um grupo de cientistas dentro do Instituto Oswaldo Cruz, que, à exceção de Carlos Morel e alguns poucos outros, via o nosso trabalho com um significado bem estrito. Era um momento de efemérides: vai se comemorar alguma coisa chama o historiador que produz

um discurso laudatório... e o que nós estávamos fazendo era descobrir as implicações da ciência com a política... Era uma outra lógica de escrever sobre os cientistas.

Jaime Benchimol. A relação da ciência com a política, a ciência como atividade social e política, a importância das controvérsias que essa sociologia mostrou para a gente. Então, é importante ver os processos na sua integralidade, inclusive com as ideias e os personagens que depois foram atirados ao limbo como produtores de ideias falsas... as controvérsias científicas... Uma ideia construtivista de ver as coisas em conformidade com o horizonte de possibilidades e ideias da época e não com uma visão anacrônica, porque essa é ainda a veia mais forte. Mas a gente foi se metendo...

Maria Rachel. Essa questão da subversão que vocês falaram um pouco... aí pensando em termos de subversão até na análise mesmo, na maneira que se estava olhando a história das instituições no campo da ciência e da saúde no Brasil. Eu fico me lembrando que quanto ao impacto que teve nesse sentido... no que se trabalhou com a história do Instituto Oswaldo Cruz, da criação do Instituto Soroterápico Federal, de que maneira isso subverteu também o campo. Porque existia sempre aquela ideia sobre aqueles institutos criados na virada do século, ali é o marco, ali é que começava a história da ciência no país, que antes não havia nada... É um pouco a pesquisa de vocês.

Jaime Benchimol. Justiça seja feita: o esforço de reunir essas coisas nos beneficiou muito. No diálogo com os cientistas daqui, a gente aprendeu muito. Essa relação hoje é muito positiva, com reconhecimento de parte à parte.

Flávio Edler. Com certeza o projeto da Casa de Oswaldo Cruz é muito bem-sucedido e se deve, evidentemente, a toda a liderança do Paulo Gadelha e aos pesquisadores. É uma obra que não pode ser pensada como sendo algo projetado de antemão, estrategicamente. Foram-se adicionando muitos elementos imprevistos nesse processo. A gente não sabia exatamente o que iria acontecer, no que ia dar, e certamente o diálogo com as teorias contemporâneas e o diálogo forte com o corpo de cientistas e do grupo de saúde pública aqui foi fundamental para essa mudança toda.

Jaime Benchimol. Até mesmo para internalizar certas regras que regem a produção científica da área deles. A gente não estava muito ligado nessa história de produzir artigos. De cumprir esses cânones, que tem um lado ruim, um lado meio perverso, o famoso publique ou pereça, mas tem um lado estimulador, e a gente começou a receber muita pressão para se enquadrar nos parâmetros de produtividade da instituição.

Flávio Edler. ... da instituição, que eram diferentes do nosso campo das ciências humanas, onde havia uma grande valorização dos livros. Isso que a Capes conseguiu fazer agora, em relação ao conjunto das áreas científicas. Na época, digamos, não era o ambiente. Mesmo nas pós-graduações em história, também não era esse o ambiente “publique-se”, mas aqui era, e a gente teve que se enquadrar e produzir muito.

Voltando então ao aspecto que a Rachel havia salientado, existiam, de fato, umas demar-

cações que eram admitidas como marcos importantes da história da ciência do Brasil. Um dos trabalhos clássicos, de impacto muito grande sobre a ciência no Brasil, foi o trabalho da Nancy Stepan, cujo título é *Gênese e evolução da ciência brasileira*. E Manguinhos aparecia como um corte fundamental. Havia um pouco essa demarcação. Essa cronologia era aceita e respeitada por muitos. Ela também repetia um pouco o que se dizia antes. O trabalho clássico de Fernando de Azevedo também chamava a atenção sobre Manguinhos e a criação da USP, das universidades. Então, digamos que as ciências eram vistas como um produto do século XX. O século XIX e a Colônia eram, aparentemente, lugares onde não haveria porque se aprofundar, e se debruçar sobre esse contexto pré-República, porque ali não havia muito o que encontrar em termos de ciência. Essa também foi uma grande novidade que não apenas nós, mas havia um grupo contemporâneo, a Maria Amélia Dantes também estava puxando muito isso, rumando no sentido do Império, pensando nas instituições científicas e nos modos de produção de ciência naquele período e isso foi, de fato, um momento muito importante. Nós subvertemos um pouco a abrangência do que se imaginava que era o escopo do nosso trabalho ao nos dirigirmos para o Império; era um pouco inesperado que a gente fosse buscar ciência no Império, chamar de ciência a medicina que era feita na época. O Jaime, por exemplo, descobriu toda uma geração de pasteurianos, seguidores de Pasteur, anteriores a Oswaldo Cruz, e isso, na época, era visto como uma coisa sem sentido, porque era folclórico, quer dizer, era um grupo cujo trabalho não deveria ser considerado efetivamente científico. A ciência, repetindo o que a geração de Carlos Chagas e Oswaldo Cruz afirmava, a ciência tinha nascido com eles. Então, não havia muito que pesquisar. No entanto, munidos de outros aportes teóricos, a gente foi entender o sentido da produção científica naquela época, com o que Jaime chamou de construtivismo metodológico. Com esses aportes do construtivismo, nós vamos olhar para aqueles atores do século XIX e entender como é que eles definiam ciência, como eles pretendiam produzir aquela ciência, como pretendiam validar aquela ciência, com quem eles estavam dialogando, quais eram os canais, quais eram os circuitos de legitimação e, aí, o impacto que eles tiveram na sociedade como um todo, que foi muito grande. Isso era invisível. Isso foi realmente uma novidade...

Jaime Benchimol. ... que a gente produziu.

Acervo. *A pós-graduação surge muito tempo depois. O grupo já estava estável. A Casa de Oswaldo Cruz...*

Jaime Benchimol. Era um grupo indiferenciado em termos de divisão de trabalhos. Aos poucos, a Casa de Oswaldo Cruz foi se departamentalizando, ganhando um profissionalismo maior em cada área. No início, cada um fazia um pouco de tudo, como nas origens do Instituto Oswaldo Cruz, em que o sujeito era pesquisador do laboratório, professor, fazia vacina, clinicava e fazia pesquisa epidemiológica.

Flávio Edler. Nós estávamos articulados por projetos e a gente fazia um pouco de tudo.

Jaime Benchimol. Eu me lembro, no início, de organizar documentação que estava no pré-

dio do Quinino, fazer história oral, trabalhar na pesquisa. Trabalhava muito com história oral. Então, a Casa foi se departamentalizando...

Acervo. *Área de acervo, área de pesquisa...*

Jaime Benchimol. Pesquisa, museu... Vivemos assim um bom tempo até abraçarmos a ideia da pós-graduação, que foi um pouco também por pressão da instituição. A gente só conseguiria garantir, consolidar o que tínhamos adquirido, se abrísssemos a vertente do ensino.

Flávio Edler. Isso era fundamental.

Jaime Benchimol. Era uma fase ainda de muitas reuniões, de muitas assembleias. Havia reuniões intermináveis, por exemplo, para discutir e rediscutir o regimento. Uma loucura...

Flávio Edler. Reúne para convocar, convoca para reunir.

Jaime Benchimol. Isso foi uma característica de juventude, felizmente superada...

Flávio Edler. Mas, também, tem a ver com a nossa pouca legitimidade, quer dizer, isso é importante lembrar, nós não estávamos assegurados aqui. Quando nós decidimos criar a pós-graduação, o núcleo importante, de certa maneira, estava assegurado aqui. Já tínhamos a Revista, já éramos funcionários públicos, então já mudava...

Maria Rachel. Já tínhamos a Revista, é de 1994.

Flávio Edler. A pós-graduação é de 2000.

Maria Rachel. É... começa em 2001.

Flávio Edler. A revista *História, Ciências, Saúde - Manguinhos* é de 1994. O projeto de institucionalização aqui foi muito bem cuidado e muito bem trabalhado. O Jaime estava chamando a atenção no início para os Encontros de História e Saúde: era muito importante a realização desses encontros. Eram chamadas nacionais, todos nós aqui apresentávamos trabalho, havia convidados de peso na área das ciências sociais e da história. Criamos a revista da Casa de Oswaldo Cruz. Primeiro, havia os *Cadernos de Saúde Pública*, de 1985. Depois veio a revista. Ela nasceu para ser uma revista muito impactante, muito bem elaborada. Ela foi concebida dessa maneira. Houve um aporte institucional forte, quer dizer, a unidade Casa de Oswaldo Cruz apoiou muito essa revista, apostou nela como veículo fundamental de institucionalização da gente. Agora, já pensávamos, já era claro isso, em saúde e ciência, já existia a Sociedade Brasileira de História da Ciência, em 1983, como um núcleo importante e estávamos nos engajando nisso. Muitos de nós estávamos fazendo o mestrado e doutorado nesse momento.

Jaime Benchimol. Isso foi importante.

Flávio Edler. Foi fundamental. Quem tinha mestrado, foi fazer doutorado; quem não tinha, imediatamente estava fazendo mestrado. Lembremos que éramos um grupo muito jovem.

Existia uma única doutora aqui que assinava, por exemplo, para o CNPq, os nossos pleitos, os nossos projetos, que era a Vera PortoCarrero, uma filósofa de formação foucaultiana, muito interessada nesse debate das ciências, e nós não tínhamos nem doutores sequer para assinar, logo no início. Você vê como era um grupo muito novo.

Maria Rachel. E ela era recém-doutora.

Flávio Edler. Ela era recém-doutora! Então nos preocupamos muito com a produção de livros. Aquele livro importante...

Jaime Benchimol. *A ciência a caminho da roça?*

Flávio Edler. Não, além desse, *A ciência...*, que você produzia; aquela coletânea...

Maria Rachel. A coletânea organizada pela Vera? Era *Filosofia, história e sociologia das ciências 1*: abordagens contemporâneas.

Flávio Edler. Uma coletânea que pretendia ser uma versão um pouco pedagógica, uma apresentação dos temas. Então, havia a revista, havia os livros que eram produzidos aqui e aí a pós-graduação surge nesse movimento, em que era claro para a gente que o passo seguinte era a criação de uma pós-graduação. Quer dizer, poderíamos ter feito opção de não a criarmos, porque aqui tinha uma situação muito peculiar. Não era uma universidade, era uma instituição onde só se fazia pesquisa, e definimos que era fundamental como estratégia nossa, absolutamente acertada.

Acervo. *Apesar das crises e de toda dificuldade, vocês veem que foi uma coisa muito importante.*

Jaime Benchimol. Dinamizou muito a nossa pesquisa, a produção dos alunos. A massa crítica cresceu tremendamente. Um mundo de trabalhos e de temas a explorar. Isso também acelerou um pouco o processo de organização do acervo de documentação, trouxe documentação. Então, tem uma sinergia importante aí. Foi um investimento muito importante.

Flávio Edler. Um fato muito importante. E nesse momento também outras iniciativas estão acontecendo em outros lugares. Muitos historiadores foram se aproximando da Sociedade Brasileira da História da Ciência. No campo da ANPUH, da Associação Nacional de História, nas pós-graduações em história no Brasil afora, começou a aparecer o tema da saúde e das ciências, de várias formas, surgindo às vezes como linhas de pesquisa, às vezes como um mestrado, um doutorado, as pessoas foram se aproximando desse tema. E é claro que eu imputo à Casa de Oswaldo Cruz um peso muito importante nisso, mas havia realmente um ambiente geral, um ambiente em que se respirava mais os temas e os autores.

Jaime Benchimol. Essa relação de saúde e história, eu acho que ela foi um pouco induzida também pela enorme ressonância que teve a tradição foucaultiana. Isso levou muita gente a abraçar temas de medicina, de doenças, mas sempre num refrão, assim, muito repetitivo, muito esperado. Em geral, produziam-se poucas surpresas. A medicina teve um papel de repressão das práticas tradicionais ou populares. Esse lado foi muito valorizado, assim

como o lado da história urbana. Ela trazia, naturalmente, a discussão de meio ambiente, de doenças, de intervenções no espaço. Eu acho que a Casa de Oswaldo Cruz foi indutora de novas abordagens. Isso estava ocorrendo em outros lugares, mas ajudamos a agregar, a reunir.

Flávio Edler. Nós passamos a ter uma participação importante na Sociedade Brasileira da História da Ciência. Portanto, era um grupo de historiadores ingressando e se articulando com outros historiadores de formação ou colegas que vieram com uma formação diferenciada, mas que fizeram um esforço muito grande de absorver e aceitar um diálogo forte com as ciências sociais.

Jaime Benchimol. Um parêntese: a gente tem de tomar muito cuidado com o discurso triunfalista. A Casa de Oswaldo Cruz teve mais, tem menos hoje, mas teve mais um discurso triunfalista: nós somos o máximo, nós somos hegemônicos. Isso criou algumas animosidades.

Flávio Edler. Criou, sim. Isso é muito importante chamar a atenção. Isso que o Jaime está falando é importante. Nós tínhamos um peso muito expressivo. Éramos vinte e poucos doutores. Quando chegou em meados da década de 1990, éramos um grupo importante de mestres e doutores, com interesses muito comuns e muito focados, participando, e quando a gente participava, participava em bloco. Quando a gente ia para a Abrasco, a Associação Brasileira de Saúde Coletiva, a gente ia para ter um impacto ali. Quando íamos à SBHC, a gente ia para ter um impacto ali, e quando também entendemos que tínhamos que participar da sociedade dos médicos, a gente decidiu ir... Existe uma Sociedade Brasileira de História da Medicina, basicamente organizada por médicos. Quando nós decidimos ir... Eram vinte e poucas pessoas falando e com algo novo para dizer e dominando muitas fontes.

Jaime Benchimol. Isso é uma característica curiosa. Essa experiência é muito rica, é muito multifacetada. Então, fomos levados a interagir com várias áreas. Você falou da Abrasco, ANPOCS também, ANPUH, a área de história das ciências, a sociedade organizada pelos médicos...

Flávio Edler. Nós buscamos interlocução. Algumas vezes isso era malvisto, com certeza. Jamais houve qualquer ideia no sentido de impor, até porque, entre nós, havia uma pluralidade também.

Jaime Benchimol. Mas eu discordo do Flávio. Tínhamos um discurso um pouco arrogante. A Casa de Oswaldo Cruz tinha um discurso arrogante.

Flávio Edler. Eu não tenho certeza sobre isso. Acho que tinha a ver com o impacto também. A gente chegava se fazendo sentir. A gente marcava presença mesmo.

Jaime Benchimol. Tem uma característica que é da instituição, nesse ponto muito diferente do MAST, por exemplo. A Fiocruz sempre foi muito endógena, com capacidade de gerar recursos próprios, com relativa e variável autonomia administrativa, capacidade de eleger ou indicar seus presidentes, exceto em algumas conjunturas. Então, esse processo de autode-

terminação interna, de assembleias, de discussão interna para estabelecer normas... Isso nos contaminou. A Casa foi sempre muito autorreflexiva, mesmo com o desaparecimento dessa tendência assembleísta, sempre promoveu muitas discussões e nelas havia muitas vezes um projeto imperial, um projeto de conquistar espaços, de ganhar autonomia, de legitimidade...

Flávio Edler. Eu não diria imperial. Eu concordo com você que nós queríamos, de fato, estabelecer presença marcante, nesse sentido, mas o problema que eu acho nessa afirmação de projeto imperial, é que nós não poderíamos ter a ambição de definir temas. Nós entramos nessa área de história da ciência, mas a gente fazia muita discussão era no campo da medicina. Então, por exemplo, jamais imaginávamos que poderíamos definir pauta para o campo da história da engenharia, da geologia, da química. Nós estamos, na verdade, num campo e queríamos participar, queríamos presença sim nas diretorias de sociedades, queríamos isso sim, queríamos apitar, isso é indiscutível. Quando a gente ia para a SBHC estávamos ali para disputar. Quando percebemos que havia uma divisão importante, contemporânea à nossa imersão no campo da história da ciência, uma disputa muito grande entre o grupo da USP e o da Unicamp na SBHC, e a Casa de Oswaldo Cruz, evidentemente, tinha um peso muito grande. Quando a gente definiu que ia se aliar com um grupo, isso era uma definição política e hegemônica, mas a gente não tinha a pretensão de defender metodologias... Em reuniões, fomos derrotados algumas vezes.

Acervo. *Isso dá muito trabalho. Agora, isso me lembra um pouco o pessoal do Museu Nacional. Por exemplo, no século XIX, eles também atuavam muito nessas sociedades de época, e às vezes existia uma pessoa que atuava simultaneamente em várias. Isto tudo dá muito trabalho, você tem seu trabalho normal...*

Flávio Edler. A Rachel foi da Diretoria da SBHC. Eu fui da Diretoria da SBHC.

Maria Rachel. E do Conselho Deliberativo da Sociedade Brasileira de História da Medicina.

Flávio Edler. Nós éramos também convidados a participar. Também é uma coisa importante para chamar a atenção. A Fiocruz sempre foi percebida como uma instituição com uma capacidade de trabalho muito grande. Então, sempre houve interesse em atrair a Casa de Oswaldo Cruz.

Jaime Benchimol. A Casa de Oswaldo Cruz tem nome.

Flávio Edler. Nome e capacidade. Na Sociedade Brasileira de História da Medicina, as portas são escancaradas para nossa participação porque temos uma revista importantíssima na área, formamos gente à beça e tudo. Sempre fomos convidados. Na SBHC, tivemos inimigos, mas também tivemos muitos aliados, e eu acho que como nós não tínhamos uma intenção hegemônica nesse sentido do que eu estou falando, definir métodos etc., então isso transformou também o ambiente. Quer dizer, hoje em dia o diálogo é muito maior. As coisas também estão razoavelmente sanadas. Hoje, esse incômodo a que o Jaime se referiu, pertence mais ao passado.

Jaime Benchimol. Acho que essas instituições, essas áreas evoluíram muito, de um modo geral.

Flávio Edler. Os espaços institucionais foram se multiplicando muito. Vamos pensar no governo FHC e no governo Lula. O que se ampliou... então, essas disputas têm muito a ver com os escassos espaços institucionais e como isso foi aumentando muito, as pessoas foram encontrando seus espaços e as sociedades também deixaram de ser muito importantes para grupos com frágil inserção institucional.

Acervo. *Vocês querem falar um pouco sobre a questão das fontes? Falar como foi crescendo o trabalho de vocês com as fontes primárias. O trabalho com as fontes primárias foi muito importante. Afinal, era um órgão da área de saúde, subordinado ao Ministério da Saúde, que dispunha também de fontes para pesquisa.*

Jaime Benchimol. Nós já chegamos trabalhando com o material e, ao mesmo tempo, produzindo fontes. Eu me lembro que a documentação da Fiocruz estava no prédio do Quinino. Era uma documentação que estava inativa ou encostada. Então, a gente chegou tomando as primeiras providências para organizar esse material, mas o utilizando ao mesmo tempo. Tem um trajeto de organização dessa área, de profissionalização dela, e a melhor pessoa para falar disso é o Paulo Elian. A partir de certo momento, esse trabalho foi dividido. No início estava misturado.

Acervo. *O que dificultava muito a condução das atividades...*

Jaime Benchimol. Muito embolado. Além de tirar a documentação do Quinino, começamos a fazer o trabalho de história oral, que implicava atração de materiais, de fontes que se encontravam nas salas, nos laboratórios ou em posse de cientistas, médicos e sanitaristas. Uma coisa muito semelhante àquela vivida no Museu Nacional na época do projeto Adolfo Lutz. Havia muita documentação atirada nas salas dos pesquisadores, nos laboratórios. Na Fiocruz houve um longo processo de convencimento, de persuasão dos pesquisadores de que deveriam doar a documentação para a Casa de Oswaldo Cruz. Um longo tempo de atração desse material. Eu me lembro que no forro da Cavalaria, que foi transformada em Museu, tinha uma documentação lá, empilhada, há séculos. Tinham coleções biológicas que eram de relevância para a gente. Houve um longo tempo de mapeamento da imensa riqueza documental que essa instituição abrigava, e que acabou sendo em parte trazida para cá. E à medida que nós fomos trabalhando, íamos tornando nossos trabalhos mais conhecidos e interagindo com pessoas que tinham acesso à documentação. Muitas coleções privadas foram sendo direcionadas para cá.

Flávio Edler. Havia uma política de buscar documentação de arquivos privados. Desde o início, tivemos uma atenção imensa com as fontes. Todos nós. Quando a gente localizava algum acervo que entendia ser relevante, fazíamos o máximo para trazer esse acervo para cá, desde que, evidentemente, adstrito aos nossos temas. Eu me lembro da ida ao Instituto de Física da UFRJ, com Carlos Chagas doando a documentação do irmão dele, Evandro Chagas, do pai dele... a gente indo lá buscar e trazendo tudo para cá.

Jaime Benchimol. Flávio, a gente foi junto a Minas para ver os materiais históricos daquela antiga filial da Fiocruz, o Ezequiel Dias?

Flávio Edler. Não. Não fui com você não.

Jaime Benchimol. Lembro também dessa viagem para fazer um inventário do que havia na antiga filial de Manguinhos, lá em Belo Horizonte, a atual Fundação Ezequiel Dias.

Flávio Edler. Encontramos aqui um acervo imenso, um acervo iconográfico também. A percepção da relevância das fontes, que foi imediata, desde o início levou justamente a essa especialização. Então, um grupo começou a trabalhar muito mais com o tratamento, a higienização e catalogação e organização dessas fontes e outro, ao mesmo tempo que fazia pesquisa, também estava tentando localizar acervo e se inserindo nessa política. Isso o tempo todo. Se a gente for pensar para fora daqui, aí a Rachel é a figura central, por exemplo, nisso. Chegamos a desenvolver, a Rachel na cabeça disso, alguns trabalhos para tentar um projeto, para organizar o acervo da UFRJ, só para você ter uma ideia do que era. A UFRJ detém um acervo fundamental, absolutamente precioso para a história das ciências em geral e da medicina em particular, no Brasil. É um acervo que tem origem no século XIX, depois, quando foi demolido o prédio, na década de 1970, esse acervo foi todo transferido para o Fundão. Foi tudo organizado de certa maneira, mas em condições que ainda hoje são precárias, porque o acervo histórico existe embaixo dos encanamentos, por exemplo, dos banheiros etc. O pessoal lá da UFRJ tem uma preocupação enorme com isso, mas, ao mesmo tempo, também não dispõe, muitas vezes, de recursos, e nós tivemos uma preocupação imediata de irmos atrás desse acervo e fizemos um longo projeto no qual a gente, inclusive, chamava a atenção da situação das fontes nesse período em várias instituições, especialmente na UFRJ. A necessidade de tratar essas fontes, de localizar... Era um trabalho que dá a dimensão da importância que nós dávamos para isso. E não só nós.

Jaime Benchimol. Esse acervo fabuloso só não foi vítima de um desastre graças a Diana Maul.

Flávio Edler. Nossa parceira é que segura isso lá, com apoio das diversas diretorias. Ela vem fazendo isso, mas, de fato, como requer um montante de recursos imenso, porque ele não está no lugar mais apropriado... Aquela região é profundamente úmida, muito quente, e já aconteceu, no passado, um derramamento de água.

Maria Rachel. Nesse momento, no meio desse processo de elaboração desse projeto, a Diana Maul achou duas mil e quinhentas caixas, o que não é pouca coisa. Duas mil e quinhentas caixas não trabalhadas.

Flávio Edler. E ela, a Diana, estava aí organizando... Nesse momento, muitas pessoas começam a olhar para a documentação. Então, por exemplo, o grupo de Campinas, eles tinham recursos muito grandes da FAPESP e chegaram a vir aqui ao Rio de Janeiro, tentaram algumas vezes comprar os acervos, por exemplo, tentaram comprar o acervo do Colégio Pedro II. Fize-

ram boas investidas nisso e não levaram. Eu não posso dizer para você se foi ou não a melhor solução, porque eu não sei em que condições está hoje o acervo do Colégio Pedro II, que fica no Centro.

[Sobre a importância dada às fontes] também tem que lembrar o seguinte. A própria criação da Casa de Oswaldo Cruz, isso é muito importante chamar a atenção... O Paulo Gadelha foi localizado e chamado para cá porque ele trabalhou na Pró-Memória, organizando acervo.

Jaime Benchimol. Todos nós passamos por esse projeto.

Flávio Edler. Eu não, mas o núcleo importante passou pelo acervo...

Jaime Benchimol. ... da Pró-Memória, que gerou uns relatórios que foram mananciais de informações fabulosos para a gente no começo de nosso trabalho aqui. Havia duas massas de relatórios muito ricas...

Flávio Edler. Quem coordenava? Marcus Vinicius... Gilson Antunes da Silva... Isso existe gente, era mimeografado, não tinha computador. Esse projeto estava alojado lá na Cândido Mendes. E um outro projeto que gerou também uns relatórios polpudos na época, com verba da FINEP, que era aquela moça que morreu agora, lá no IPPUR, que usava óculos... como é o nome dela? Esqueci o nome dela. Mas ela lá na ENSP também se envolveu num projeto de pesquisa de largo fôlego sobre a história das campanhas sanitárias e gerou uns relatórios que nunca foram publicados, mas eram fontes incríveis. Como revolveram documentação para produzir aqueles relatórios!

Acervo. *Vocês começam a lembrar de materiais que poderiam se transformar em fontes de pesquisa para um maior número de pessoas.*

Flávio Edler. Nós nos preocupávamos o tempo inteiro.

Jaime Benchimol. Quer dizer, a instituição, ela sempre foi muito sensível. Houve um processo também de amadurecimento de regras, de normas, o que era um arquivo permanente ou temporário, quer dizer, uma regulamentação de fluxos que passaram a carrear para a gente muito material e que exigiram uma profissionalização dessa área. Hoje está profissionalizada. E, por outro lado, acho que uma coisa muito importante foi a captação de arquivos privados.

Acervo. *O que é um processo muito interessante tanto no que diz respeito aos cientistas quanto aos técnicos.*

Jaime Benchimol. O projeto de história oral... muitos fundos aqui eram de pessoas envolvidas em campanhas, que doaram. Tanto gente da área de laboratório, quanto da área de saúde pública.

Maria Rachel. O projeto da Previdência Social...

Flávio Edler. Eu não trabalhei nesse projeto.

Maria Rachel. Jaime...?

Jaime Benchimol. Não. Trabalhei no outro.

Flávio Edler. Quem coordenava era o Luiz Otávio, o Marcos Chor, o Gilberto Hochman que chegou um pouco depois, depois Gilson, da UERJ, e Carlos Roberto Oliveira.

Jaime Benchimol. Mais um colega... Existia um projeto INAMPS e um projeto Massacre de Manguinhos. Eu participava desse, do Massacre de Manguinhos.

Flávio Edler. Então, nós também tivemos a questão da fonte, como ela era fundamental. Foi percebida como fundamental desde o início. Então, ao mesmo tempo em que nós estávamos preocupados em organizar esse acervo, quem constituiu a Casa de Oswaldo Cruz já veio com esse tipo de performance e foi chamado exatamente por isso e estávamos todos implicados na produção de um acervo de documentação oral, já fazendo história oral, guardando as gravações nos moldes do CPDOC da FGV. Nós temos esses depoimentos todos em fitas. Uma preocupação enorme com a guarda desse acervo, tanto em áudio, quanto transcrito. Havia conferência de fidelidade e fazia-se esse catálogo e, então, era uma preocupação muito grande.

Acervo. *Essa é uma fase complicada, em que vocês estão reunindo fontes e, ao mesmo tempo, precisando pesquisar e apresentar resultados. Nesse processo de reunião, vocês, às vezes, não podem usar o que têm, porque as fontes ainda estão sendo reunidas. Então, vocês procuram fontes fora da instituição. Como foi essa fase de ter que procurar fontes fora, ir adiante e ter um feedback?*

Flávio Edler. Isso depende muito da experiência de cada um, porque depende do que você elege como suas fontes. Jaime, por exemplo, tem uma experiência enorme com arquivos. Eu tenho uma experiência pequena com arquivos, trabalhei muito com jornais, revistas científicas.

Jaime Benchimol. A gente pode tentar desenhar um mapa assim: no Rio de Janeiro, existiam as instituições clássicas, bem organizadas: o Arquivo Nacional, a Biblioteca Nacional, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e havia uns lugares complicados, mas que eram importantes. Lembra da Santa Casa, que era um feudo de Dahas Zarur...

Flávio Edler. Ainda é.

Acervo. *Mas a documentação era mais ou menos organizada.*

Flávio Edler. Era, mas impenetrável. Ainda hoje é assim.

Maria Rachel. A mesma experiência que a gente tentou com a UFRJ, também tentamos com a Santa Casa.

Flávio Edler. Eu cheguei a ter uma sala na Santa Casa. Só para você ter uma ideia.

Jaime Benchimol. Perdeu por causa do Clementino Fraga.

Flávio Edler. Perdi mesmo por causa do Clementino Fraga Filho, mas nós fizemos uma articulação para isso. O Dahas Zarur chegou a abrir uma sala para a gente, para fazer esse trabalho. Eu cheguei a levar livros para lá, para tomar pé, e fui aconselhado a botar o pé e fincar bandeira. Fizemos um projeto com a Diana Maul, mas dei uma pequena vacilada. Não consegui ocupar de modo permanente e perdemos o espaço.

Jaime Benchimol. A Academia Nacional de Medicina teve uma época complicada. Eu me lembro de chegar um rapaz aqui, com alguns livros, e dizer: – “olha, eu fui contratado para escrever a história da Academia e eles pegaram um monte de livros velhos e venderam para catadores de papel”. Chegou a sair uma notinha de alerta, mas nunca soube quanto material valioso eles detonaram ali.

Flávio Edler. Isso foi em 1988. Eu me lembro.

Jaime Benchimol. O rapaz me procurou, eu estava escrevendo a história da Academia. A bibliotecária entregou-lhe uma pilha de livros: – “olha, você está interessado nessas coisas antigas, não é? Toma isso, é para você”. O resto foi para os catadores de lixo e ainda assim sobrou muita coisa naquela biblioteca. Agora, de um modo geral, a situação dos arquivos aqui no Rio, em comparação com outros lugares, é bem mais confortável. Por exemplo, eu tenho estado muito em Manaus, e lá ocorre uma coisa que devia ser denunciada. A ANPUH deveria ter um papel mais protagonista nessa questão, que não tem. Em Manaus e em outros estados do Brasil, as oligarquias consideram o patrimônio público, inclusive o documental e bibliográfico, como uma propriedade privada. Num arquivo público, uma moça me disse: – “olha, recebi aqui a incumbência do secretário de Cultura de achar tais e tais coisas e eu estou empurrando um pouco com a barriga porque na hora que eu achar, ele vai incorporar isso ao seu patrimônio pessoal”. Isso é muito comum.

Flávio Edler. O Affonso Romano San’Anna, que foi diretor da Biblioteca Nacional, conta, numa crônica, que ele tinha ido a Minas encontrar um amigo. Esse amigo, então, mostrou para ele um livro que lhe havia sido doado por um ex-presidente da Biblioteca Nacional como uma oferta.

Pois é, essa coisa patrimonialista tão presente ainda na nossa cultura republicana.

Jaime Benchimol. Eu acho que a gente deveria ter uma articulação mais forte no sentido de criar certo embaraço nessa questão. Vamos fazer isso na revista Manguinhos, vamos fazer um dossiê, um debate sobre isso. É muito importante, é uma coisa despuddorada, não tem regra, não tem nome. É considerado normal e natural. E quem trabalha nessas regiões não pode botar a boca no trombone porque senão dança o pouco acesso que têm, muitas vezes graças a uma rede de relações pessoais. Então, as pessoas para continuarem a trabalhar, têm de ficar quietas.

Flávio Edler. Tem que ser muito bem pensado isso. É uma questão da injunção do público e do privado presente na formação do nosso Estado. A cultura patrimonialista.

Jaime Benchimol. Eu já vi um alerta parecido, vindo do Paraná, de uma historiadora de lá, falando sobre isso.

Flávio Edler. Eu escrevi uma vez para *Manguinhos*, que pediu para fazer uma resenha, uma coisa sobre fontes. Eu contei várias histórias escabrosas nesse sentido. Eu contei essa história da biblioteca da Academia Nacional de Medicina. Contei, por exemplo, que, quando eu cheguei na UERJ, quando voltei de uma bolsa sanduíche, fui atrás de umas fontes que existiam na UERJ. Quando eu cheguei lá, a bibliotecária me disse que elas haviam sido descartadas. Eu disse: – “Mas como? O que significa ser descartado?” “Não, foi doado.” “E para quem foi doado?” “A gente não sabe”. Era simplesmente um acervo raro da *Gazeta Médica da Bahia*, que uma professora, a Madel Luz, anos antes, tinha ido a Salvador, tinha pego, trouxe no carro dela e depois... Uma comissão foi formada e diante do diagnóstico de que a absorção de novos periódicos estava esbarrando no espaço reduzido, definiu-se que as coleções pouco procuradas e anteriores a 1930 deveriam ser descartadas.

Eu conto várias coisas escabrosas nesse artigo.

Jaime Benchimol. Eu acho que isso tem a ver com uma questão institucional, com uma questão de cultura, de política, inclusive política de acervos, de arquivos, bibliotecas e museus, mas isso também tem a ver com certa característica de nossas áreas, porque a produção literária nos campos da medicina e das engenharias, por exemplo, entra em obsolescência muito rápido. É diferente, por exemplo, do Museu Nacional. Para os zoólogos, para os botânicos, a documentação sobre fauna e flora antiga é valorizada. Pode estar aos frangalhos, mas, por princípio, essas profissões valorizam as tradições históricas. No campo das engenharias e da medicina, não. Você vai procurar um livro de medicina daqui a cinco anos, não acha nem em sebo. Vai procurar um livro de engenharia em sebo, quase não encontra. Aquilo é considerado lixo, não tem valor!

Acervo. *Na área de biblioteca, existia uma política, não sei se continua valendo, segundo a qual, passado um determinado período, por exemplo, cinco anos, aquela parcela do acervo que não teve nenhum movimento, passa a ser considerada descartável. Isso pode ser interessante para uma biblioteca de bairro, uma biblioteca regional, mas não para uma biblioteca institucional especializada.*

Jaime Benchimol. É. Depende também de ter uma comunidade de pesquisadores que começa a buscar e criar demanda, e aí passam a ser consideradas relevantes, interessantes...

Acervo. *É muito diferente quando você vai avaliar uma biblioteca como a do Museu Nacional, do Arquivo Nacional. Tudo está relacionado à história institucional.*

Jaime Benchimol. Certa vez gastei meu décimo terceiro salário inteirinho no Le Bouquiniste, perto da Praça Tiradentes. Nós somos ratos de sebo. Flávio um pouco mais do que eu. Aí, chego lá e um senhor comenta: – “Ah, você gosta de história, tem um negócio lá em cima”. Lá, no forro desse prédio, havia uma montanha de livros que tinham pertencido ao catedrático de cardiologia da Santa Casa de Misericórdia, o Edgard Magalhães Gomes. E ali, no meio

daquela montanha de livros, havia preciosidades da história da cardiologia. Liguei para a Sociedade de Cardiologia: – “Poxa, vocês têm que ir lá ver”. Não aconteceu nada. Até hoje tenho essas coisas em minha biblioteca.

Flávio Edler. Também você comprou muita coisa com o selo da Santa Casa. Há cinco anos eu estive lá. Havia um acervo grande do Berardinelli, por exemplo. Existe uma biblioteca na Santa Casa, que, anos atrás, tinha as prateleiras cheias. Há uns cinco anos, quando eu voltei lá, estava praticamente tudo vazio, tudo descartado, e aí perderam-se preciosidades, principalmente da geração do Berardinelli. Também havia muita coisa do tempo da geração do Edgard Magalhães Gomes.

Jaime Benchimol. A Casa de Oswaldo Cruz precisava ter feito o que fez o CPDOC uma época, propagandas na televisão, uma campanha sobre a importância da documentação, que não fosse jogada fora e sim doada.

Flávio Edler. São decisões tomadas assim. Anos atrás eu fui à biblioteca da Academia Brasileira de Ciências. Eu sempre brinco com orientandos e alunos meus que se existe uma regra metodológica na história, que vale, é universal, é a relação de amizade inabalável que se deve estabelecer com arquivistas e bibliotecários. Você não pode romper em situação nenhuma. Porque, frequentemente, você vai se deparar com essas pessoas e, em muitas situações, essas pessoas são responsáveis pela existência daqueles acervos. Você começa a conversar sobre acervo. Eu já ouvi essas histórias em vários lugares. – “Ah, há um tempo atrás me mandaram jogar tudo fora, mas eu escondi, deixei aqui”. Tem uma relação patrimonial. É uma situação ambivalente.

Jaime Benchimol. A Academia Brasileira de Ciências. Graças ao fato de haver à época uma pessoa lá que havia trabalhado comigo num projeto de pesquisa, ela me disse que iam descartar várias coleções de periódicos. Fiquei uma semana enchendo meu carro e levando revistas para o Museu Nacional e para a Casa de Oswaldo Cruz.

Acervo. *Mas a iniciativa deveria ter sido negociar com instituições que teriam interesse e a biblioteca iniciar essa negociação.*

Jaime Benchimol. Eles tinham pressa. Eles precisavam se desfazer daquilo rápido.

Flávio Edler. Se eu penso em política mais geral, para mim isso tem a ver com o fato da posição subalterna que arquivistas e bibliotecários têm nessas instituições, porque no exterior são bibliotecários e arquivistas, com uma profissão de relevância, que definem políticas. E esse pessoal é muito preocupado com o acervo, enquanto estão ali, na verdade, numa posição muito subalterna.

Jaime Benchimol. Numa posição subalterna em termos, Flávio.

Flávio Edler. Não podem apitar.

Jaime Benchimol. Mas, em contrapartida, têm um poder exagerado.

Flávio Edler. Isso também.

Jaime Benchimol. Na época em que eu praticava história urbana no Clube de Engenharia, havia uma bibliotecária que, se ia com a sua cara, você entrava lá dentro e tinha acesso total. Se ela não fosse com sua cara, você não entrava.

Flávio Edler. Aí você tem razão.

Jaime Benchimol. Existia um personagem, cujo nome não vou citar, porque hoje está em muita evidência, que tinha acesso muito aberto e certo dia eu o encontro uma hora ali, no elevador, com uma sacola cheia de livros que tinham sido emprestados ou dados a ele. E eu disse: – “Caramba, você está levando isso”. – “Ah, você quer? Toma!”, e me deu um catálogo da exposição de 1908, e saiu com aquela sacola lotada de livros. Lá funcionava dessa forma. Essa é uma cena característica da falta de profissionalismo.

Flávio Edler. Eu falo mesmo em termos de profissão. O que falta é a profissionalização no sentido moderno.

Jaime Benchimol. Então, nós, pesquisadores, temos de cultivar essas relações a qualquer preço, porque, senão, nossas possibilidades ficam muito restritas.

Flávio Edler. É uma relação pessoal, não é uma relação profissional. Lida com pessoas e não com processos.

Jaime Benchimol. É isso. Lembro do choque que tive quando fui pela primeira vez à Wellcome Library, em Londres, para pesquisar sobre médicos que tinham estado no Brasil em 1904. Lá, a primeira coisa que você tinha de demonstrar era que a pessoa havia morrido, bem como havia restrições de cópias a partir de critérios temporários. Então, você tinha que apresentar ali elementos para o bibliotecário e dizer que o cara morreu em tal época e, mesmo assim, só podia xerocar 15%, 10%, não lembro mais, do documento. Os bibliotecários eram pessoas jovens e eu tentava aquele meu papo meio sedutor, que funcionava aqui mas lá não funcionava. Tive de provar que o autor do relatório em que eu estava interessado tinha morrido numa época em que não havia bloqueios legais. Mesmo assim, tive de juntar um grupo de amigos para conseguir copiar aquele relatório de 1904 e trazê-lo inteiro. Cada um levou uma fração.

Flávio Edler. Mas é isso. Essa é a questão toda. Uma característica do bibliotecário nas instituições de excelência é o desafio de encontrar para você o livro que parece impossível. Essa é a ideia.

Acervo. *Agora, estamos contando com a presença da professora Magali Romero Sá. Há alguns anos atrás estavam sendo descobertos aqui, em algum canto da Fiocruz, uns cérebros que eram amostras do Serviço de Proteção à Malária ou à Febre Amarela...*

Flávio Edler. Cérebros de macaquinhos rhesus.

Jaime Benchimol. Deve ser do Serviço de Combate à Febre Amarela.

Acervo. *Fígados também. Afinal de contas são fontes interessantes. Se pensarmos que as coleções científicas contêm os elementos de estudo decorrentes das atividades das instituições. Como vocês estão trabalhando com isso? Vocês já conseguiram mexer um pouco com isso? Com as coleções científicas de uma maneira geral?*

Magali. Na realidade, nós trabalhamos de diversas formas. Fizemos um inventário do material. Os desenhos, as ilustrações, como eles trabalhavam, das fichas... Na realidade, existe um projeto iniciado pelo Flávio, junto com a helmintologia, depois o Flávio se retirou por algum motivo. E aí eu estava entrando na Fiocruz, fui convidada a trabalhar nesse projeto. O projeto reunia várias unidades da Fundação Oswaldo Cruz. Era o IOC, Instituto Oswaldo Cruz, que detinha a maior parte dessas coleções, e a Casa de Oswaldo Cruz, detentora de um arquivo, a guardiã desse arquivo, tentava fazer um levantamento, que, acho, é pioneiro nisso, pois nunca tinha visto um projeto assim em lugar algum, na Europa, nos Estados Unidos, era o seguinte: mapear, fazer um levantamento de tudo, com historiadores e pessoas de arquivo mesmo, fazendo um levantamento de todo o material de uma coleção científica, olhando aquilo como um acervo arquivístico, porque não só você tem todo o fichário, tem o espécime conservado, mas ali, naquelas fichas, nos desenhos, nas lâminas, você tem uma história muito rica que pode ser contada a partir daqueles indícios. Então, historicamente é relevante para o pesquisador, que precisa saber daquilo, e para a história é fundamental. Não é só para a história, para você reconstituir aquele momento, aquela fase, para reconstituir o próprio meio ambiente, porque, muitas vezes, aquilo foi coletado numa região que sofreu grandes alterações em sua fauna ou flora. Nós trabalhamos com o Adolpho Lutz assim.

Flávio Edler. Para além da história, esse trabalho pode ser importantíssimo para a epidemiologia histórica, para quem está pensando em ecologia e aí é realmente um trabalho de marca muito interdisciplinar.

Magali. E que abrange várias áreas. Isso eu nunca tinha visto antes. Era um projeto pioneiro da Casa. Eu já peguei esse projeto em andamento, e depois o grupo foi se dispersando, fazendo outras coisas, e eu assumi como bióloga, me colocaram nisso. Eu fiquei encantada, entrei de cabeça porque achei que era uma novidade maravilhosa. E ainda hoje é uma referência. O pessoal de Portugal está querendo saber como é que a gente trabalhou esse material. Eles ficaram empolgadíssimos. O que a gente fez: reunimos todo esse material... porque o pesquisador faz o desenho com câmera clara. Havia os ilustradores. Esses ilustradores faziam os desenhos não só para os pesquisadores, mas para a publicação das Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. E para o próprio pesquisador é fácil. Eu já fiz vários. Usando o material de câmera clara, você aprende a desenhar, porque o espécime é duplicado naquele papel e você faz o contorno, e, com o cheio, que é uma técnica facilíma, qualquer um aprende, você aprende a fazer aquela coisa básica do contorno do animal, dar volume, quer dizer, o pesquisador mesmo faz isso, mas para se ter uma coisa perfeita, havia os ilustradores, que eram contratados pela instituição. Então se faziam as duas coisas. Conclusão da história: hoje em dia, as coisas foram se modificando, taxonomia, sistemática, essa taxonomia alfa, que

ainda hoje é usada no Museu Nacional, mas foi deixada pela Fundação, muito mais ligada à biologia, a estudos médicos.

Flávio Edler. Como a biologia molecular, outras técnicas de classificação...

Magali. Isso aí, então, foi sendo deixado de lado. Esses desenhos ficaram jogados lá nos laboratórios, as pessoas se aposentaram, houve cassações, uma série de problemas. E nós recolhemos para o nosso arquivo esses desenhos e agora temos um projeto, junto com o Jaime, que não é um projeto nosso, mas um projeto do DAD, Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, que pediu a nossa participação justamente para tentar fazer uma publicação e colocar isso *online*, convidando pessoas para falar da importância desse acervo científico, da importância desses desenhos, o que significou isso para a instituição, se essa técnica é usada ainda hoje ou se deixou de ser usada. A gente tinha até um pesquisador, recém-falecido, que mantinha em seu laboratório um ilustrador científico, o Lobato Paraense. Coisas que hoje em dia, no Instituto, não existem mais. Mas ele ainda usava o ilustrador científico para fazer os seus desenhos. Eu estive no laboratório outro dia para saber se o ilustrador ainda estava lá. Ele continua lá, uma pessoa para a gente entrevistar, muito interessante.

E outra coisa interessantíssima é que no laboratório que trabalha com carrapatos, com pesquisas aplicadas, porque lida com doenças de carrapato, na agricultura e pecuária, nesse laboratório eles mantiveram as lâminas, o material em placa de petri e em parafina, do primeiro laboratório do Instituto Oswaldo Cruz, de protozoologia. Então, é interessantíssimo porque você tem como recuperar a história por meio daquelas lâminas. Encontra-se, às vezes, o nome do paciente do Hospital Evandro Chagas, ou uma lâmina dizendo que se trata de um tripanossomo coletado no bicho tal. Aí, por meio daquele registro, você recompõe a história: aquele material tem data, foi coletado em um local e foi examinado por alguém, e muitas vezes deu origem a uma publicação. Então, através daquilo, você recupera a história do laboratório do qual não se tem mais documentação. A coleção científica é importante até para isso, para revelar a dinâmica institucional, a dinâmica das pesquisas, das relações científicas internacionais.

Flávio Edler. Materiais eram doados, informações recebidas.

Maria Rachel. E conhecimento científico.

Magali. E, principalmente, hoje em dia, a coleção científica é uma ferramenta para investigar o meio ambiente. São espécimes, coletados nas expedições dos nossos pesquisadores no Nordeste, no Piauí, numa época em que muitas regiões se achavam quase intactas. Eles coletaram coisas maravilhosas. Volta lá hoje! Tudo ocupado, tudo degradado. Você não encontra mais nada. Então, o registro do que era aquilo, você tem nas coleções.

Flávio Edler. Tem o aspecto que a Magali falou que é a questão da maneira como você vai retratar esses diversos espécimes, e que é interessantíssimo. Num estudo recente, uma

historiadora chamada Lorraine Daston trabalhou com as diversas formas de objetivação, quer dizer, pegando a categoria de objetividade e mostrando que ela também tem uma história. Existem várias maneiras de você retratar o que você entende como o objetivo. Se você pega um conjunto, uma série sequencial de desenhos de espécimes, é extremamente interessante como você vê, em vários momentos, a alteração do que você considera como sendo o objetivo, a variação do critério de objetividade. É interessantíssimo fazer esse tipo de análise.

Acervo. *Para finalizar, a questão da Lei de Acesso à Informação. Vocês acham que a lei tem alguma influência nesse cenário de fontes e pesquisa? A Lei de Acesso que começou no ano passado, tanto para você pedir informação como para consultar, tem prazos, as coisas têm que estar claras, se estão classificadas ou se estão abertas, porque se não estiverem abertas, há que se ter uma boa justificativa para isso. Vocês têm percebido algum efeito positivo?*

Flávio Edler. Olha, não vou falar dessa Lei de Acesso, mas uma coisa muito parecida. Nós continuamos encontrando muita dificuldade de acesso a vários tipos de acervos.

Jaime Benchimol. São movimentos contraditórios. Tem esse movimento, cujos efeitos, acho, em nossa área, não se fizeram sentir plenamente, mas far-se-ão. E tem o movimento, em sentido contrário, que é o da proliferação dos comitês de ética.

Flávio Edler. É, exatamente.

Jaime Benchimol. Representam grande ameaça para o trabalho do...

Flávio Edler. Historiador.

Jaime Benchimol. E para o trabalho de história natural, em geral.

Acervo. *Qualquer produção de conhecimento.*

Jaime Benchimol. Há um lado de preocupação ética bacana, mas tem uma componente de normalização fascista, autoritária, uma coisa muito perigosa.

Acervo. *Como eles funcionam?*

Flávio Edler. A origem desses comitês de ética nas instituições de pesquisa tem a ver basicamente com a ideia do consentimento informado daquela população que se apresentava para participar de testes clínicos. Essa é a origem disso. É sabido, muito conhecido, como é que isso era feito, sem legislação. Quer dizer, populações que eram expostas a riscos, doando sangue e sendo contaminadas etc. Então, a legislação tem esse caráter extremamente importante. Por outro lado, cada comitê de ética começa a definir o escopo daquilo que pode e o que não pode estar sob o escrutínio dele. Então, por exemplo, uma simples entrevista com o médico, hoje em dia, tem que passar por um comitê de ética. Fontes que estavam liberadas anteriormente, fichas de pacientes com mais de cem anos, várias instituições criam obstáculos. Você não pode ter acesso...

Jaime Benchimol. Na verdade, a gente fica sujeito às flutuações de ânimo e de percepção de grupos que, às vezes, não têm a menor noção do que estão fazendo.

Flávio Edler. É uma atitude certamente inconstitucional. Porque, em algum momento isso tem que ir ao Supremo. O nosso Supremo, que tem uma matriz profundamente liberal, tenho certeza que irá rechaçar esse tipo de coisa.

Jaime Benchimol. É o empoderamento da mediocridade.

Acervo. A Lei de Acesso tem essa questão. Por exemplo, para liberar a documentação do período do regime militar, que era cheia de restrições estabelecidas pelo próprio governo, teve-se que considerar as fontes de reconhecido valor histórico. Aí, faz-se edital de notificação para liberar. Com isso, você consegue se livrar de uma justificativa para restrição bastante na moda que são as informações pessoais. Pode-se até identificar documentos sobre doença, atuação política, declaração de crença religiosa como contendo informações pessoais. Mas, fato é que praticamente todo documento de arquivo contém dados pessoais, de uma maneira explícita ou não.

Jaime Benchimol. Não deixa de ser paradoxal. Isso é paradoxal numa época em que as redes sociais expõem, como nunca antes, a vida íntima e pessoal da humanidade.

Flávio Edler. Tenho a impressão que a tendência do Supremo vai ser rejeitar isso. É o mesmo que aconteceu com a questão das biografias. Tem que ser liberado. A tendência é garantir a liberdade de informação, de acesso. Daqui a pouco, um jornalista não vai conseguir produzir uma matéria num hospital e fazer uma pergunta ao paciente sem antes passar por um comitê de ética. Estamos chegando a um limite. É como o Jaime falou: o empoderamento da mediocridade.

Maria Rachel. Por exemplo, uma situação que vivemos recentemente aqui: alunos de mestrado e de doutorado que queriam usar depoimentos orais, alguns do arquivo da COC, e que foram depoimentos feitos na época com termos de autorização assinados pelos depoentes. Termos utilizados aqui como também em outras instituições. Mesmo dizendo isso, o Comitê de Ética não aceitava, o Comitê de Ética da Fiocruz, porque exigia que tivesse a autorização expressa do dito que está falecido. Ele deu autorização na época!

Jaime Benchimol. Ele tinha que autorizar para aquele uso particular? É uma estupidez! A pessoa deu um depoimento para a posteridade! Aí vem um medíocre burocrata que não tem nada a dizer e resolve inviabilizar a vida dos outros.

Flávio Edler. Isso supostamente em nome de um grande valor, que é a preservação das identidades. É a ideia de normatizar tudo. É essa sanha que nós temos de burocratizar, de colocar tudo sob regulação. A resposta tem que ser a tradição liberal. Espero que o Supremo impeça isto.

Maria Rachel. Uma outra pessoa estava mexendo com prontuários de 1900. Uma série de prontuários; não identificava o nome. Ela anotava quantos tinham morrido, quantos tinham tido isto ou aquilo. Teve que conseguir uma autorização do arquivo que detinha esse acervo.

Flávio Edler. Estamos encontrando uma dificuldade enorme num acervo importantíssimo que está no Nise da Silveira. É o arquivo do Hospital Pedro II. Esse arquivo é uma situação absolutamente singular: o espaço físico é do município, o acervo é federal. É difícilimo chegar a um acordo. Apesar de um grande esforço feito pela direção do Nise da Silveira, municipal, o acesso de pesquisadores a este acervo tem sido constantemente dificultado. Porque é justamente esta discussão sobre guarda... quem pode, quem não pode, quando é que você vai poder citar, quando você não pode citar estas fontes. É a questão do acesso e uso das fontes. E, no entanto, é um lugar que guarda fontes fundamentais sobre a doença mental no Brasil.

Entrevista realizada com as editoras do dossiê Maria Rachel Fróes da Fonseca e Silvia Ninita de Moura. Transcrição de Ângela Laranja Mandosio, do Arquivo Nacional.